

#cm  
**2**

QUARTA-FEIRA

Cinema do Brasil tem o seu festival em Miami

PÁGINA 4



Enrique Diaz entra para nova temporada da comédia 'Férias'

PÁGINA 7



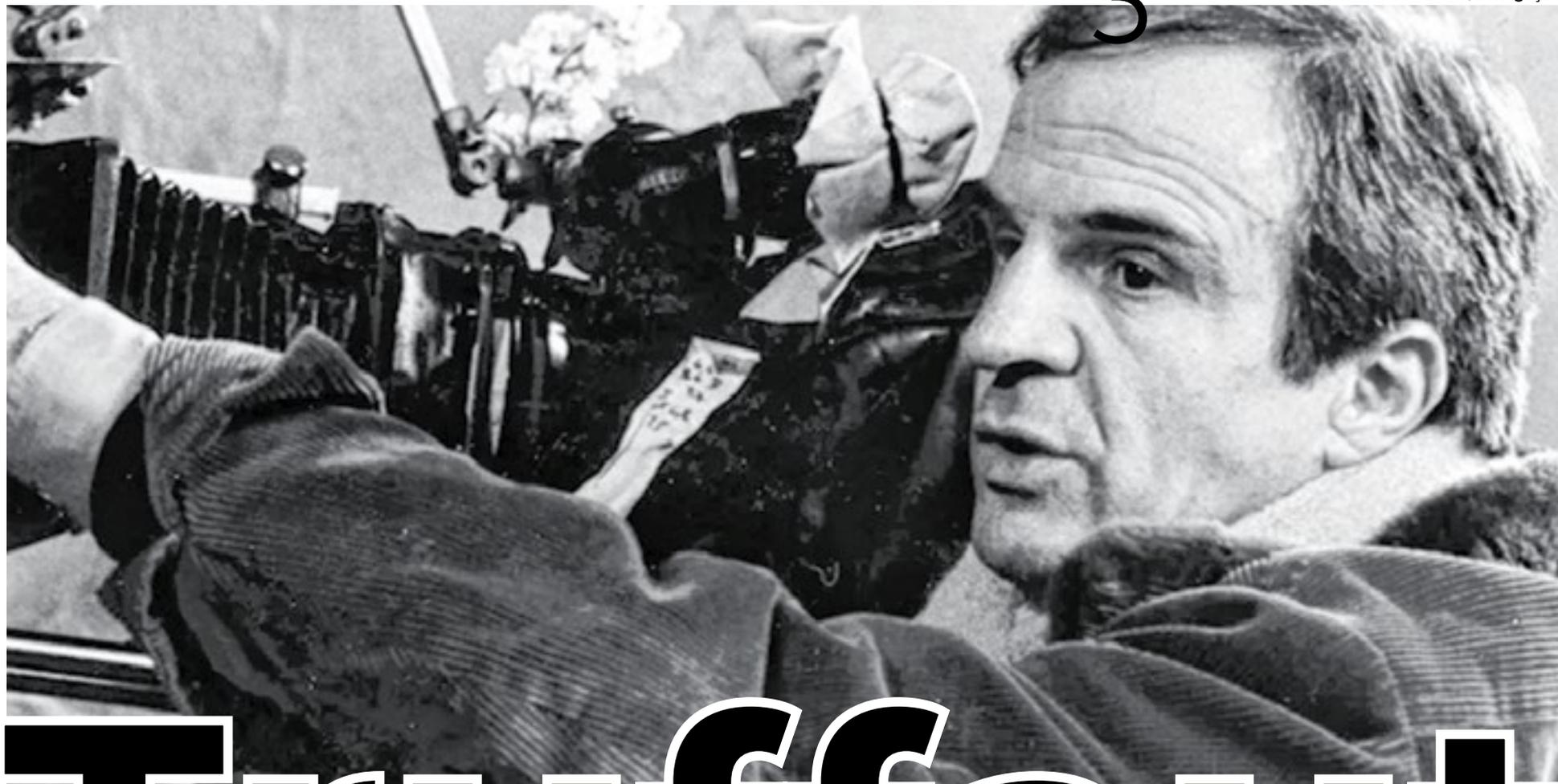
O Rio na ótica das aquarelas de um artista francês

PÁGINA 8



# Estação

Festival de Cannes/Divulgação



# Truffaut

Salas de Botafogo e da Gávea do maior grupo exibidor de filmes autorais do Rio se debruçam sobre o legado do realizador de 'Os Incompreendidos' para repensar o lirismo de sua obra

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**E**stá aberta a temporada da saudade em torno de um nome que, em tela grande, transformou-se em sinônimo de lirismo: François Truffaut (1932-1984). Desta quarta-feira até o próximo dia 17, as salas do Estação NET Botafogo e do Estação NET Gávea estarão a serviço da nostalgia, na redescoberta da obra de um realizador

que alfabetizou o cinema moderno com a gramática do benquerer, sem deixar de lado o medo, a devoção a Hitchcock e olhar distópico para o porvir.

É "Os Incompreendidos" – cult que lhe deu o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes de 1959 e vendeu 4.092.970 entradas só na França – quem inaugura a retrospectiva na noite desta quarta-feira, às 20h30, no complexo exibidor da Voluntários da Pátria nº 88.

Continua nas páginas seguintes

**N**o dia 21 de outubro de 2024, completaram-se 40 anos da morte de Truffaut.

Ele saiu de cena lotando salas, respeitado até em Hollywood, onde foi laureado com o Oscar por “A Noite Americana” (1973), que o Estação NET Botafogo projeta neste sábado, às 13h, e o Estação NET Gávea exibe no próximo dia 8, às 18h30. Desde o fim do ano passado, pela Europa adentro, uma série de seus sucessos ganharam sazonais sessões especiais.

Esse festival Truffaut coincide com a carreira internacional de “Nouvelle Vague”, novo filme de Richard Linklater, que retoma a euforia das cabeças inquietas que repensaram a modernidade por meio de curtas e longas no fim dos anos 1950 e no início dos 1960, tendo Adrien Rouyard no papel do jovem François.

Em abril, o festival argentino Bafici, em Buenos Aires, celebrou seu legado ao exibir o documentário “Le Scénario De Ma Vie”, de David Teboul. Essa produção dirigida por David Teboul se baseia em imagens de arquivo (algumas conhecidas, outras não), em entrevistas pouco conhecidas de Truffaut, na sua correspondência com o pai (adotivo) e, sobretudo, num relato autobiográfico iniciado alguns meses antes da sua batalha final contra o tumor no cérebro que o matou.

Teboul parte de uma anedota do audiovisual parisiense segundo a qual os filmes de Truffaut se movem como trens, disparando na imaginação como expressos noturnos.

Segundo a pesquisa do documentarista, a vida do cultuado diretor seguiu o mesmo ritmo, mas tinha apenas 52 anos quando surgiram as palavras O Fim em seu caminho. Alguns meses antes de morrer, o cineasta tinha começado a partilhar a história da sua juventude com o seu velho amigo, Claude de Givray, mergulhando profundamente na sua história familiar, a fim de fazer um livro com suas recordações. Seu tempo de tela (e na Terra) acabou

# Um realizador que se fazer (e

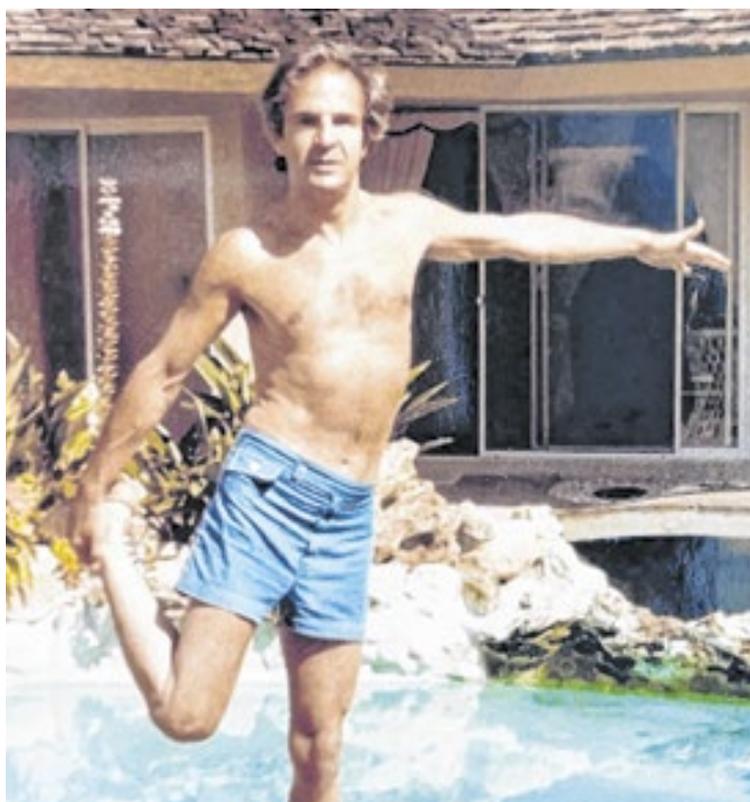
nesta sexta, às 21h.

Já Steven Spielberg teve uma atitude oposta ao falar dele quando recebeu o Urso de Ouro Honorário, na Berlinale 73, em fevereiro. “Estava com ele nos sets de ‘Contatos Imediatos do Terceiro Grau’ e eu queria aproveitar a chance de estar a seu lado, para aprender, quando toquei na ideia do que viria a ser ‘E.T.’. Como tinha feito, há pouco, ‘Na Idade da Inocência’, com elenco juvenil e infantil, Truffaut me disse que eu deveria arriscar numa criança como protagonista. A força da infância, com um ser do espaço, contagiaria as plateias. Como ele estava certo. Como eu devo a ele”, disse Spielberg, que faz parte do coro gigantesco de fãs do realizador que, concorreu ao Leão de Ouro de 1966 com “Fahrenheit 451”, marco da sci-fi, a ser exibido no Estação NET Botafogo nesta sexta-feira, às 18h40.

Em Paris, sua terra de berço, o mercado editorial agitou-se em torno da efeméride de sua partida. Uma das agitações é o



*François Truffaut, um revolucionário do cinema*



*O jovem Truffaut em cena do documentário ‘Le Scénario de Ma Vie’, do diretor David Teboul*



*François Truffaut no set do oscarizado ‘A Noite Americana’, que integra retrospectiva do Estação*

por escassear e FT não conseguiu terminar sua autobiografia, a que tinha planeado chamar “O Roteiro da Minha Vida”. O que Teboul faz, a partir de registros epistolares, é revelar o que seria essa derradeira narrativa truffautiana.

Sua investigação arranca lágrimas de cinéfilos. Comove sobretudo aquelas e aqueles que

se irritaram com o americano Quentin Tarantino quando o gênio por trás de “Pulp Fiction” (1994) acusou Truffaut de ser superestimado e de ter criado uma narrativa quase amadora em sua incursão pelos códigos do filme policial, como “A Noiva Estava de Preto” (1968). Essa joia de thriller passa no Estação Botafogo

# mudou a forma de

'Fahrenheit 451' (1966) é um clássico da sci-fi



Fotos: Divulgação



'De Repente Num Domingo' (1983) foi o canto de cisne do cineasta

# ver) filmes



'Jules e Jim' (1962) também integra a mostra



O suspense guia a narrativa de 'A Noiva Estava de Preto' (1968)

lançamento do livro "Lettre Ouverte à François Truffaut", de Eric Neuhoff. É uma coletânea de artigos, em forma de cartas, nos quais o autor louva a relevância do cineasta a construção de narrativas amorosas.

Em bancas em quiosques de Paris, a "Cahiers du Cinéma", a mais prestigiada revista focada no pensamento audiovisual de todo o planeta, oferta um mimo para seus leitores – atraindo também novos públicos – de flerte com a obra de Truffaut: um dossiê com curiosidades, resenhas analíticas e

textos do mítico realizador.

"Eu me sinto parte desse grupo de cineastas para quem o cinema é um prolongamento da juventude, como se fôssemos crianças a quem mandaram brincar num canto, que reconstruíram o mundo com os brinquedos e, na idade adulta, continuam brincando com os filmes. É o que chamo de cinema do quarto dos fundos, com uma recusa da vida tal qual ela é, o mundo em seu estado real e, em reação, com uma necessidade de recriar alguma coisa que se aproxime um pouco

do conto de fadas, um pouco do cinema que nos fez sonhar quando éramos jovens", escreveu Truffaut em de seus ensaios memoriaísticos sobre uma obra cheia de êxitos, como "Jules e Jim – Uma Mulher Para Dois" (1962), "Um Só Pecado" (1964) e "Domicílio Conjugal" (1970).

As palavras, as coisas e os filmes de Truffaut: essa é a melhor forma de se entender o amor romântico nas últimas seis décadas, a partir da estreia de "Os Incompreendidos", em 4 de maio de 1959, no Festival de Cannes. O longa saiu da Croisette aclamado, coroando a fúria criativa de um jovem crítico de cinema e realizador cuja bandeira era revolucionar o cinema a partir da inclusão das sequelas sociais, morais e afetivas do tempo de contracultura que se desenhava à sua frente.

Laureado com 34 prêmios numa carreira que vai de 1955 a 1983, coroada com três indicações ao Oscar e muitos sucessos de bilheteria, Truffaut mudou a forma de se fazer e de se ver filmes a partir de um projeto estético de hemodiálise da imagem a partir de um engajamento das narrati-

vas audiovisuais com as fraturas éticas e emotivas do mundo a seu redor, modificando os dispositivos de construção do discurso cinematográfico de modo a fugir do engessamento, do classicismo. Assumiu a infância ("O garoto selvagem"), o feminino ("A mulher do lado") e o próprio ofício de cineasta ("A noite americana") como seus temas mais essenciais, passeando por gêneros diferentes, em prol da renovação da cinefilia. Repensou o papel do espectador e os deveres do contador de histórias. E, mais do que tudo, repensou o amor. Binômio vivo de arte + desejo, seu cinema nos deixou como legado a necessidade de se discutir o querer como um verbo de ação e não como de ligação com as tradições burguesas.

Diretor, produtor, roteirista, crítico e ator, Truffaut sempre entendeu o filme "como algo íntimo, como uma carta" -- como disse certa vez, em entrevista. Saiu de cena com "De Repente Num Domingo" (lançada no Festival de Locarno, em 1983), que o Estação Botafogo exhibe nesta terça, às 21h.

Ao longo de sua carreira, Truffaut pintou com traços ao mesmo tempo delicados e vigorosos, o cotidiano francês. Era metuculoso ao extremo e, pela fama de seu perfeccionismo, era confrontado com perguntas sobre suas predileções cinéfilas múltiplas vezes. Certa vez, indagado sobre que cinema do mundo preferia, respondeu: "Para mim, o cinema não tem nacionalidade. O importante são as pessoas que fazem um bom trabalho".



'Os Incompreendidos' vendeu 4 milhões de ingressos em sua estreia comercial, depois de conquistar o prêmio de Direção no Festival de Cannes, em 1959



# Vitrine brasileira em telas dos EUA

29ª edição do Inffinito Brazilian Film Festival apresenta mostras competitivas, estreias e exposição inédita até o dia 13 em Miami

Por Affonso Nunes

O cinema brasileiro ganha novamente destaque internacional com a 29ª edição do Inffinito Brazilian Film Festival, que tem início nesta quarta-feira (3) em Miami. O evento, que vai até o dia 13, se consolidou como a principal porta de entrada para produções nacionais no mercado estadunidense, apresenta uma programação diversificada que inclui estreias, mostras competitivas e uma homenagem especial ao veterano ator Reginaldo Faria, de 88 anos.

A abertura oficial acontece em Deerfield Beach, com a exibição de “Uma Advogada Brilhante”, dirigido por Ale McHaddo. O protagonista Leandro Hassum participará de um bate-papo com o público após a sessão, estabelecendo desde o início o caráter interativo que marca o festival. A programação se estende por diferentes regiões da Flórida, incluindo Broward, Coral Gables, Miami Beach e Downtown Miami.

Entre os destaques da programação está a estreia na Flórida do documentário “Os Afro-Sambas: O Brasil de Baden e Vinicius”, de Emílio Domingos, que será exibido nesta quinta no Coral Gables Art Cinema. O filme explora a parceria musical entre Baden Powell e Vinicius de Moraes, um dos momentos mais brilhantes da nossa canção popular. No dia seguinte, o Miami Dade College Wolfson Auditorium recebe a exibição gratuita de “Kati Ranpari Kin - Será que você está ouvindo? Eu quero que você escute”, documentário de



Fotos: Divulgação

Estrelado por Leandro Hassum, ‘Uma Advogada Brilhante’ abre a programação do festival



Shirley Cruz tem atuação reluzente em ‘A Melhor Mãe do Mundo’



‘Malu’ já arrebatou aplausos em Sundance e venceu o Festival do Rio

Sérgio Gag realizado em parceria com o Miami Film Festival.

No dia 6, a programação combina cinema e música ao ar livre com apresentação do DJ Lupa seguida pela exibição do documentário “Brazilian Beats 2”, de Tiago Arakilian. O en-

cerramento terá apresentações do grupo local Bateria Saideira do Miami Bloco e o histórico Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil, fundado em 1975 em Salvador por Vovô do Ilê e um coletivo de artistas e ativistas.

O coração competitivo do

evento acontece entre os dias 8 e 12, no Cinema South Beach, em Miami Beach, com as mostras de longas e curtas-metragens. A seleção de longas inclui “Todo Mundo (Ainda) Tem Problemas Sexuais”, de Renata Paschoal, que estará presente junto com a atriz Letícia Lima para sessão de perguntas e respostas. Também compõem a mostra “A Melhor Mãe do Mundo”, de Anna Muyaert, “Malu”, de Pedro Freire, “Filhos do Mangue”, de Eliane Caffé, “Câncer com Ascendente em Virgem”, de Rosane Svartman, com presença da atriz Suzana Pires, e “Um Lobo Entre os Cisnes”, de Marcos Schechtman e Helena Varvaki, que contará com bate-papo com o bailarino Thiago Soares.

A mostra de curtas-metragens apresenta sete produções que refletem a diversidade temática e estética do cinema brasileiro contemporâneo, incluindo “Uma Menina, Um Rio”, de Renata Martins, “Travessia”, de Karol Felício, “Pavilhão”, de Victoria Fiore, “Bijupirá”, de Eduardo Boccaletti, “Sankofa”, de Anna Parisi, “Nhandê”, de Elisa Telles e Begê Muniz, e “Jaz”, de Liza Gomes, este último como filme convidado.

Os 13 filmes das mostras competitivas concorrem ao troféu “Lente de Cristal”, distribuído em categorias que incluem Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Roteiro, Melhor Fotografia, Melhor Ator e Melhor Atriz, além dos prêmios do público para Melhor Longa-Metragem e Melhor Curta-Metragem. A avaliação combina o voto do júri oficial com a escolha popular, democratizando o processo de premiação.

O encerramento acontece no dia 13 de setembro, no Silverpot Cinema Downtown Miami, que abriga a maior tela de cinema da Flórida. A cerimônia de premiação será marcada pela exibição de “Perto do Sol é Mais Claro”, dirigido por Regis Faria e protagonizado por Reginaldo Faria, homenageado desta edição. O filme terá sua première mundial no festival, com presença do diretor e do ator, dono de uma trajetória de seis décadas dedicadas ao cinema brasileiro, com trabalhos fundamentais como “Assalto ao Trem Pagador” (1962), “Pra Frente, Brasil” (1982) e “Lúcio Flávio - Passageiro da Agonia” (1977).



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**E**xiste um troféu destinado exclusivamente aos documentários em Cannes, o troféu L'Oeil d'Or, que nasceu dez anos atrás para contemplar as narrativas de não ficção, e já coroou o Brasil, ao ser entregue a Eryk Rocha e seu “Cinema Novo”, em 2016. A Berlinale tem um também, ainda que, vez por outra, narrativas documentais conquistem o Urso de Ouro, como se viu em 2023, com a vitória de Nicolas Philibert e seu “No Adamant”, e em 2024, com o êxito de Mati Diop e seu ensaio metafísico “Dahomey”. Já o Festival de Veneza – que está com sua 82ª edição em curso, até o fim de semana, na Itália – costuma dar espaço nobre a documentaristas em suas variadas sessões e acolheu este ano – uma vez mais – um cineasta conhecido entre seus pares como um “popstar do real”: Gianfranco Rosi. É a quinta vez que o realizador nascido há 61 anos na Eritreia, lança um longa-metragem em alguma das seções competitivas do evento veneziano – e, na quatro anteriores, saiu laureado. Em 2013, levou o Leão de Ouro para casa, por “Sacro GRA”, acerca do cotidiano de Roma. Agora, pode ganhar mais um, com “Sotto Le Nuvole”. Seu olhar, neste novo trabalho, parece se concentrar em vulcões, mas fita algo mais.

“Costumo refutar a ideia de ‘cinema de observação’, aportado a filmes em que se capta o real sem intervenção, porque eu tenho um engajamento total com os objetos que escolho retratar, a começar pelo fato de que faço várias funções técnicas consecutivas à direção, como operar o som e enquadrar a fotografia”, disse Gianfranco ao Correio da Manhã, quando iniciava “Sotto Le Nuvole” e lançava “Notturmo” (2020) na plataforma MUBI, onde pode o longa ser visto hoje.

Ao finalizar o supracitado .doc (ligado ao Oriente Médio) que estreou aqui no www.mubi.com, Rosi filmou “In Viaggio”. Seu roteiro se debruça sobre o sentido simbólico das jornadas do Papa Francisco (1936-2025), que viajou por 37 países, do Oriente Médio, pela América, África e Sudeste Asiático, discutindo temas centrais da atualidade - pobreza, natureza, migra-



O doc. italiano ‘Sotto Le Nuvole’, de Gianfranco Rosi, entra em erupção em Veneza



Jens Koch/Berlinale.De

ção, guerra e intolerância – em suas homilias. Rossi parte dos sermões do Sumo Pontífice para analisar como suas palavras refletem a realidade. Ali começou o périplo de “Sotto Le Nuvole”.

“Assumi a responsabilidade de fazer um tipo de cinema que defende causas: no caso, dar visibilidade a pessoas de quem mídia desdenha ou que enquadra sobre arquétipos”, disse Rosi, ao Correio quando ganhou o Urso de Ouro por “Fogo no Mar”, um estudo sobre imigrantes que lhe rendeu uma indicação ao Oscar.

A produção que ele levou a Veneza, cujo título significa “Debaixo das Nuvens”, Nápoles luta contra duas ameaças vulcânicas: o Vesúvio e o Campi Flegrei. Em meio a tremores cada vez mais intensos, arqueólogos trabalham enquanto os moradores vivem ansiosos, assombrados pelo destino que outra cidade, Pompéia, teve no passado, ao ser arrasada pela lava. O desafio do povo napolitano é contar com a eficácia dos serviços de emergência, que se esforçam como podem, mas nem sempre vencem as demandas. A escolha de um cinema antigo como signo de um patrimônio cultural em erosão é uma das imagens mais tocantes de “Sotto Le Nuvole”.

“A instância poética da narrativa do-

# Popstar do real

Famoso por ter no currículo um Urso de Ouro e um Leão dourado, o documentarista Gianfranco Rosi, de 61 anos, põe Veneza em erupção com ‘Sotto Le Nuvole’, sobre vulcões

documental é a liberdade de se ver diante de um mundo palpável, belo, mas com cicatrizes”, disse Rosi em uma entrevista em um festival no Qatar. “Eu venho da tradição de Roberto Rossellini (pioneiro do neorealismo). Tenho identidade italiana. A Itália tem uma tradição muito forte de documentaristas e também de diretores que misturaram a realidade com a ficção criando, entre outras coisas, a estética neorealista. Foi um movimento revolucionou o cinema nos anos 1940 buscando a veracidade como cerne estético. Não é desta linhagem que eu venho, embora eu a respeite muito. Estudei nos EUA e me formei no mundo. Referências deste ou daquele cineasta são úteis só até o momento em que você liga a câmera pela primeira vez: dali pra diante só tem você. Esse “eu lírico”, que eu sou com a câ-

mera, é alguém que tenta entender o que existe de verdadeiro e de falso por trás de cada gesto e de cada palavra que registro. O que me deixa compreender isso: o ambiente à minha volta. Meus ‘protagonistas’ são os lugares em que filmo”.

De tudo de bom que passou por Veneza de quarta-feira passada até agora, nada encantou mais a crítica do que o empenho do campeão de bilheteria Dwayne Johnson (outrora The Rock) para alcançar outro patamar profissional com “Coração de Lutador - The Smashing Machine”, sobre o ás dos ringues Mark Kerr. Esse “Rocky Balboa” da luta livre é dirigido por Benny Safdie, cineasta e ator que enfrenta Adam Sandler no recente “Um Maluco no Golfe 2”, da Netflix. No sábado, o festival anuncia sua premiação, com a atriz Fernanda Torres no júri.

# Entre o **samba** e o **semba**

Ricardo Vilas lança álbum em parceria com a Banda Maravilha, de Angola

Por Affonso Nunes

**R**icardo Vilas disponibilizou nas plataformas digitais o álbum “Ricardo Vilas & Banda Maravilha”. O trabalho é o fruto de uma parceria que nasceu há mais de uma década durante sua pesquisa de doutorado sobre circulação musical entre Brasil e Angola.

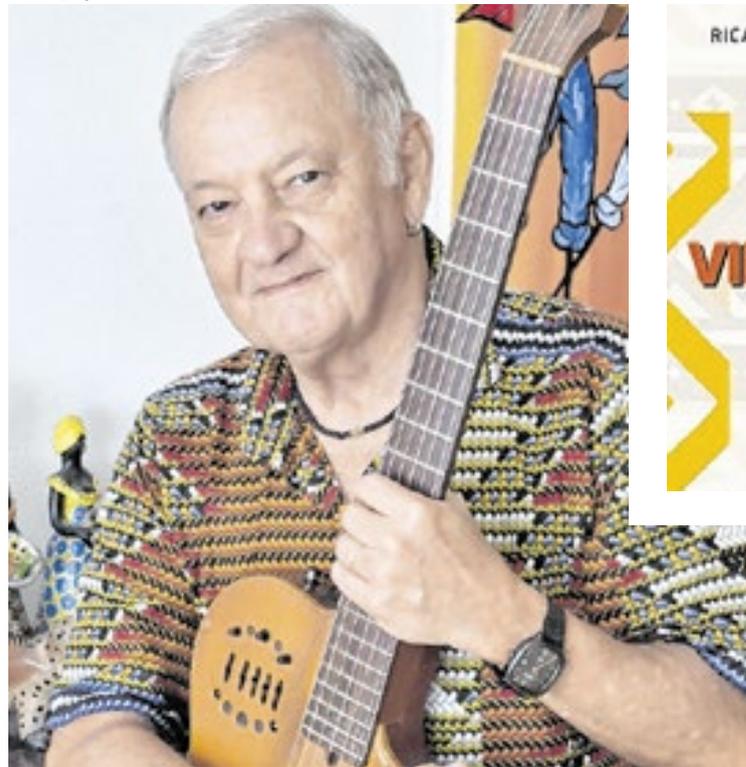
O encontro entre o músico brasileiro e os integrantes da Maravilha aconteceu em 2012, quando Ricardo viajou a Angola para desenvolver sua tese acadêmica. “Angola, para nós brasileiros, é a África mais próxima. Essa conexão sempre me interessou e me atraiu,

a ponto de dedicar minha pesquisa acadêmica ao estudo da Música Popular Angolana e de seus pontos de encontro com a música brasileira”, explica o artista.

O álbum reúne 12 faixas que misturam composições inéditas e autorais, contando com participações especiais de Dionísio Rocha na faixa “Lembra”, Filipe Zau em “Amigo Irmão”, além de Nilze Carvalho e Hudson Santos, também em “Amigo Irmão”. Essas colaborações contribuíram para criar o que Ricardo define como “um verdadeiro diálogo musical entre Angola e Brasil”.

Formada em 1993 e liderada pelo baterista Marito Furtado, a Banda Maravilha já havia cola-

Divulgação

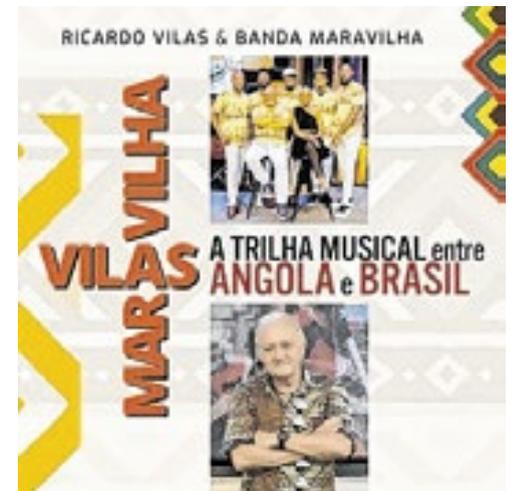


**Ricardo Vilas se aproximou dos músicos da Banda Maravilha a partir de seus estudos acadêmicos**

borado com Ricardo em seu álbum anterior, “Canto de Liberdade”, de 2019, que incluía duas músicas executadas pelo grupo angolano. A ideia de um álbum inteiro surgiu naturalmente dessa parceria consolidada. “Quando comentei com Marito sobre a

ideia de gravar um álbum inteiro, ele topou na hora e criou todas as condições para que pudéssemos gravar nos Estúdios Rádio Vial, em Luanda”, conta Ricardo.

As gravações foram realizadas em Luanda no ano passado, despertando grande interesse do pú-



blico angolano e rendendo extensa cobertura em jornais, programas de TV e rádio. O processo foi finalizado até fevereiro, com mixagem e masterização concluídas em março, culminando no lançamento digital acompanhado de uma edição física em CD.

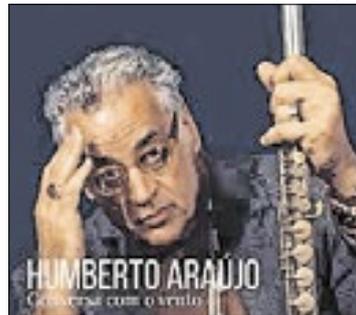
“Agora que o projeto está ganhando as ruas, fico muito feliz de ver que conseguimos realizar um verdadeiro encontro musical entre Angola e Brasil. Mostramos tudo o que compartilhamos, em termos musicais, e também as particularidades que nos diferenciam, mas que dialogam de forma harmoniosa”, celebra Ricardo.

## CRÍTICA / DISCO / CONVERSA COM O VENTO

Por Aquiles Rique Reis\*

# Tocando ao vento

Divulgação



Hoje trataremos do EP “Conversa com o Vento” (ZL Music New York), do flautista e saxofonista Humberto Araújo. Ele, um entusiasta da música contemporânea, nos traz neste trabalho o choro brasileiro e outros gêneros que têm no choro o seu espelho, como samba-canção, bossa nova e valsa choro.

Humbero, com sua visão libertária de mundo, enquanto observa a vida e seus desvãos, cria e toca música brasileira. Pelo release, sabe-se que os novos temas recém-gravados “nascem na dicotomia entre a nostalgia e a felicidade plena, sugerindo a meditação, a contemplação e a carinhosa busca pela preciosa paz, tao ausente nos tempos de hoje”.

Ouvindo o EP (as quatro

faixas e os arranjos são todos de Humberto), não há como discordar de seu bom senso. Ainda mais que as composições parecem “pedir” versos que seriam bem-vindos, pois exporiam ainda mais a alma de um autor preocupado com a existência de sua gente.

“Conversa Com o Vento”: o tema começa com a flauta em Sol acompanhada pelo violão. O piano dedilha notas. Aqui e ali, a melodia segue com toques do piano. Com o baixo acústico marcando o tempo, tudo segue ritmado pela percussão. Valendo-se de alguns trinados, a flauta se dá aos improvisos, consistentes que só eles – a sonoridade do sopro é leve, fluida.

“Estranho Choro”: a flauta e

o violão trazem a melodia delicada. Somada ao sax soprano, a flauta vem com ele em duo aberto. Resta o soprano que improvisa e devolve a bola para a flauta, para logo se juntarem novamente em duo. Novo improviso, agora do acordeom, tendo a acompanhá-lo o baixo e a flauta. O arranjo é bonito! Meu Deus!

“Choro de Alegria”: a flauta

em Sol e o violão iniciam. Num ritmo suave, a flauta desliza o seu som. O piano elétrico dá o ar de sua graça, o baixo acústico vem com ele. A flauta improvisa. O piano elétrico estende o lençol para que a flauta deite e role ao final.

“Alfama Deserta”: acompanhada pelo violão, a flauta em Sol leva o tema ao proscênio. Mais uma vez o arranjo traz o piano elétrico para incitar a bela melodia. A flauta em Sol improvisa. O baixo acústico segura as pontas. A flauta e o piano elétrico fecham a tampa do álbum.

Produzir música e deixar-se arrebatado por ela, pensando globalmente, buscando entender o porquê de tanta fome e tan-

ta miséria que subjuga povos inteiros, massacrando-os com a estupidez da força bruta, é o que ilumina a obra sedutora de Humberto Araújo – simples assim. Ouça o álbum em <https://acesse.one/74cJN>.

### Ficha técnica

Humberto Araújo (flautas e flauta em Sol, violão, sax soprano e percussão); Fernando Moura (piano e teclados); Rômulo Duarte (baixo acústico); Luciano Maia (acordeom); Ivan Machado (baixo); Claudio Andrade (piano elétrico), Rômulo Duarte (baixo acústico). Gravação: Oshun do Tejo Studio Productions – Lisboa; mixagem: Rodrigo Campello (Ministereio Studios – Rio de Janeiro); foto e arte: Milton Taylor.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# Um questão de intimidade

Drica Moraes e Enrique Diaz estrelam a nova temporada carioca de 'Férias' nos palcos cariocas

Leo Aversa/Divulgação

**D**rica Moraes e Enrique Diaz estão juntos ao palco do Teatro Claro Mais, em Copacabana, na nova temporada de "Férias", comédia escrita por Jô Bilac que já conquistou mais de 25 mil espectadores em sua turnê nacional. O espetáculo, que passou por São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Goiânia, ganha agora uma temporada carioca que se estende até o dia 28 de setembro.

A entrada de Enrique Diaz no elenco marca uma mudança significativa na montagem. O ator e diretor substitui Fabio Assunção, que precisou se afastar para as filmagens de um longa-metragem. Amigos desde a infância e ex-namorados na vida real, Drica e Enrique fundaram juntos a Companhia dos Atores, onde permaneceram até 2013, construindo uma das parcerias mais sólidas e criativas da nossa cena teatral.

"A Drica é um amor de muitos anos, décadas, na verdade. A gente tem uma história muito íntima, de muita parceria, em muitos níveis", revela Enrique, que enumera as múltiplas camadas dessa relação: "De amizade, de namoro, de trabalho, de criação, de gestão de uma companhia de teatro, de relação com filhos, perceber a gente amadurecendo, ficando velho, de atuação, de direção".

Para ele, participar de "Férias" representa um encontro natural dessa trajetória compartilhada, "um projeto dela, que ela quis criar e realizar, e do qual eu fiz parte [com a direção] e acabei agora tendo a sorte de também entrar em cena por uma contingência do destino".

O espetáculo nasceu de uma necessidade pessoal de Drica Moraes, que encomendou o texto a Jô Bilac para marcar seus 40 anos de carreira e sua volta aos palcos após quase oito anos de ausência. "Férias nasceu do meu desejo profundo de voltar ao teatro depois de quase oito anos longe dos palcos, desde antes da pandemia", explica a atriz, que via na comédia uma forma de resistência aos tempos difíceis. "Eu

sentia muita falta da comédia — especialmente nesse mundo tão duro, onde guerras, dores e angústias nos atravessam todos os dias. O riso, para mim, é uma forma de resistência."

Drica considera Bilac "um

dos maiores autores contemporâneos, justamente por conseguir unir com maestria o humor com pensamentos filosóficos e fluxos de ideias muito atuais". Segundo a atriz, "o texto dele é vivo, ágil, como um jogo de

basquete — e isso dá ao ator um campo delicioso para brincar em cena", característica que se alinha perfeitamente com sua busca por um teatro que seja ao mesmo tempo divertido e reflexivo.

A trama de "Férias" acompa-

nha o casal "H" e "M", juntos há 25 anos e ainda ativos sexualmente, que ganham dos filhos uma viagem de cruzeiro pelo Caribe para comemorar suas bodas de prata. Livres da rotina doméstica, os dois se comportam como adolescentes e se entregam ao amor por todo o navio, mas acabam sendo flagrados pelas câmeras de segurança e convidados a se retirar da embarcação. Deixados em uma praia colombiana, conhecem um casal de mochileiros, "X" e "Y", também interpretados por Drica e Diaz, com quem passam a dividir um apartamento.

Essa estrutura dramaturgica permite aos atores explorar diferentes facetas do amor e do relacionamento, transitando entre personagens que representam momentos distintos da vida a dois. Para Debora Lamm, que divide a direção com Enrique Diaz, o espetáculo extrapola a linguagem cômica para sugerir uma reflexão profunda sobre as relações humanas. "Férias" fala da cumplicidade e da deliciosa intimidade de um casal depois de muito tempo juntos. A peça faz rir enquanto filosofa sobre vida e morte, a idade, as relações", resume.

A direção compartilhada entre Debora e Diaz reflete uma abordagem colaborativa que se estende a toda a produção.

O sucesso da turnê nacional, com mais de 25 mil espectadores, demonstra a receptividade do público a uma comédia que consegue equilibrar entretenimento e reflexão. Em tempos de polarização e tensão social, "Férias" oferece um espaço de respiro e contemplação, onde o riso funciona como ponte para questões mais profundas sobre relacionamentos, envelhecimento e a busca pela felicidade.

## SERVIÇO

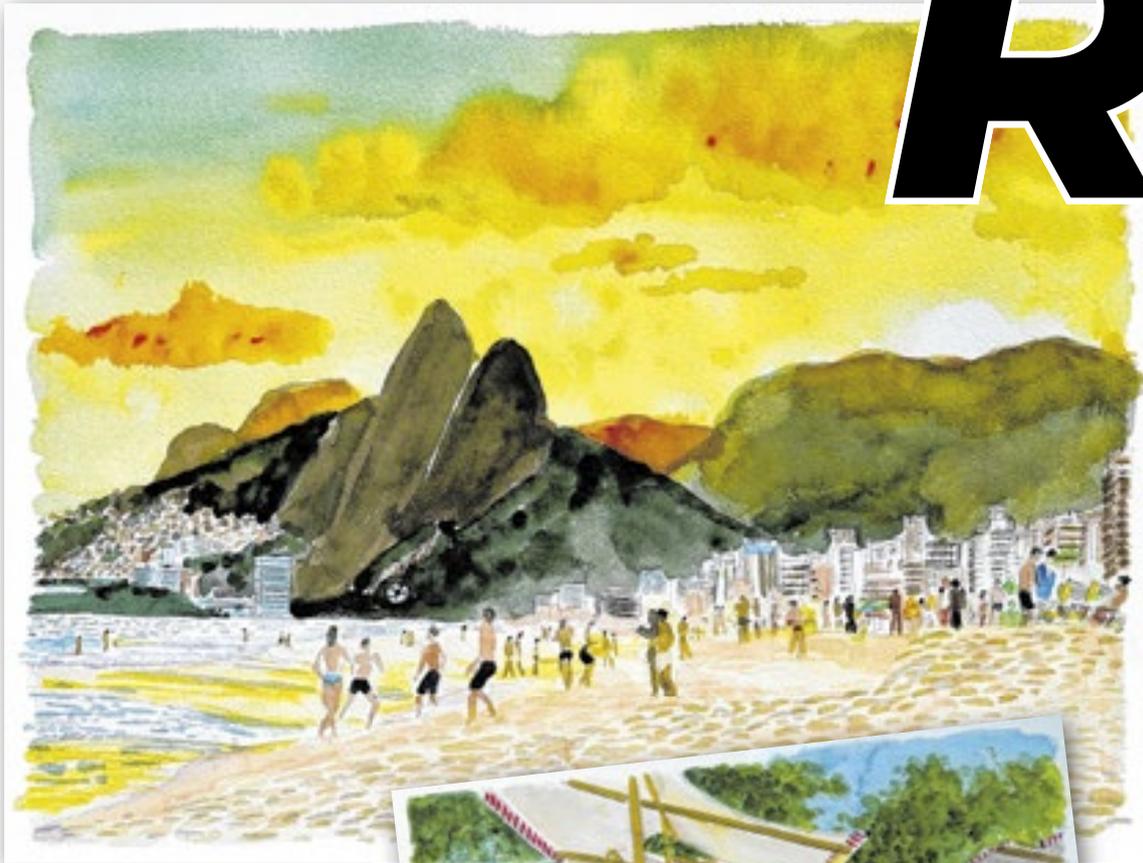
**FÉRIAS**  
Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143, 2º piso - Copacabana)  
Até 28/9, sextas (20h30), sábados (18h) e domingos (17h)  
Ingressos a partir de R\$ 50



Fotos: Divulgação

Jérôme Poignard  
une arte e design  
em exposição que  
celebra os 200  
anos das relações  
diplomáticas  
França-Brasil

# Um olhar **francês** sobre o **Rio**



Por Affonso Nunes

O artista franco-carioca Jérôme Poignard transforma o cotidiano do Rio de Janeiro na exposição “Rio”, que estreia nesta sexta-feira (5) na Galeria Gilson Martins Ipanema. Mas suas aquarelas inéditas deixam de ocupar somente as paredes do espaço expositivo para ganhar vida e movimento nas ruas através de uma colaboração o designer e galerista na elaboração de uma coleção de bolsas e acessórios de sua grife.

O artista plástico ficou empolgado com o resultado e a sensação de poder ver sua obra circulando pela própria cidade que a inspirou. “A obra em pre-

sença viva”, comemora Poignard. “Na galeria, a aquarela é contemplação; no objeto cotidiano, ela passa a fazer parte da vida das pessoas. Ganha proximidade, intimidade. É como se a poesia do Rio, antes vista na parede, pudesse agora acompanhar cada momento do dia a dia”, compara o artista.

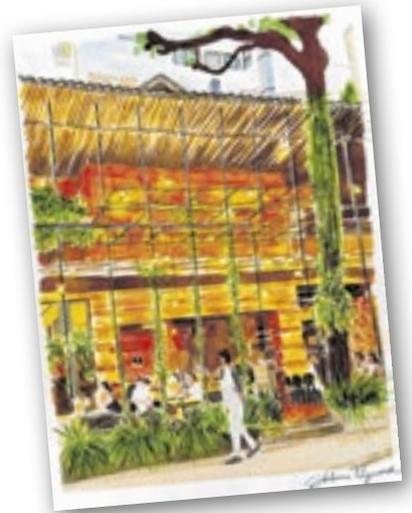
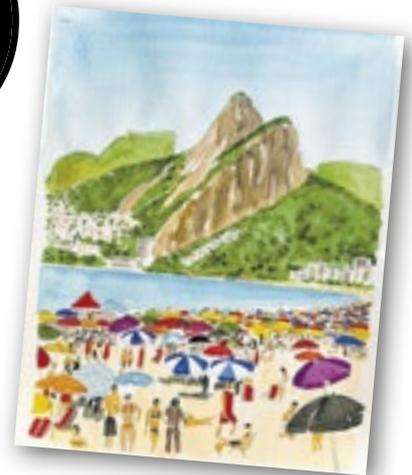
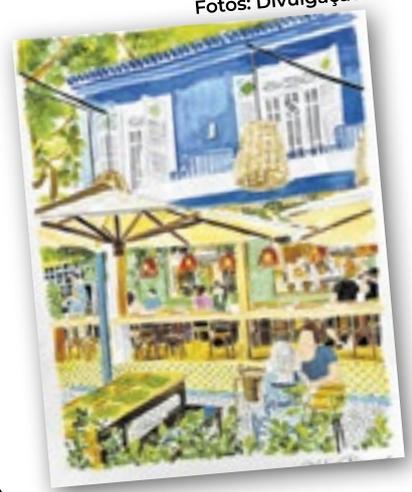
A mostra integra as celebrações do Ano França-Brasil 2025, que marca dois séculos de relações diplomáticas entre os países. Nunca é demais lembrar que nos primeiros séculos de colonização portuguesa por aqui a cidade era objeto da cobiça de navegadores franceses. As paisagens urbanas cariocas, capturadas por Poig-

nard com a espontaneidade característica da aquarela, revelam uma cidade vista através do olhar estrangeiro que escolheu o Rio como lar.

Natural de Fontainebleau, na Ile de France, no coração de Paris, Poignard desenvolveu sua carreira retratando paisagens urbanas de metrópoles como Londres, Paris e São Paulo. Mas no Rio encontrou inspiração e um novo lar. Suas aquarelas capturam a luz, o movimento e a energia única da cidade. Obras que capturam a luz, o movimento e a energia única da cidade, traduzindo em pinceladas fluidas a alma urbana carioca.

A curadoria de Michel Provost destaca como o trabalho do artista constrói um diálogo com a tradição francesa da aquarela ao mesmo tempo que absorve a vitalidade tropical. “A aquarela francesa traz a precisão, a delicadeza e o controle. Mas no Rio, essa técnica se abre para o improviso, para a luz intensa e para o movimento do cotidiano”, explica Poignard.

“O Rio é um lugar que me obriga a soltar a mão, deixar a água correr livremente, aceitar o acaso. É nesse encontro entre o rigor francês e a espontaneidade carioca que surge a minha linguagem — com pigmentação mais concentrada e menos água, gerando cores vivas e luminosidade que exaltam a beleza desta Cidade Maravilhosa”, destaca.



**As obras de Poignard foram estampadas em bolsas e acessórios da grife Gilson Martins, criando uma ponte entre a contemplação artística e o uso cotidiano**

## SERVIÇO

RIO  
Galeria Gilson Martins (Rua Visconde de Pirajá, 462 - Ipanema)  
De 5/9 a 5/10, segunda a sexta (9h às 20h) e sábado (9h às 19h) | Entrada franca